



# cinema

semanario cinematográfico

Ano 1.<sup>o</sup>  
N.º 29

Preço  
1\$00

# A Companhia Cinematográfica de Portugal

apresenta os seus dois primeiros  
grandes filmes da temporada:

## PAT e PATACHON, Musicos Ambulantes

a melhor produção e o primeiro filme  
falado dos tam populares comicos.

---

## ERA UMA VEZ UMA VALSA

linda opereta da AAFA, com musica especial  
de FRANZ LEHAR e interpretação de  
MARTHA EGGERTH e ERNST VEREBES

---

Alguns dos maiores exitos do cinema  
sonoro serão distribuidos pela

**Companhia Cinematográfica de Portugal**



*Não se trata do "trio fantástico"!... Estes três artistas são nem mais nem menos do que os principais intérpretes de "Titans do Ceu", o super-filme com que a "M-G-M" responde às anteriores fitas de aviação. Da esquerda para a direita, vemos Wallace Beery, que tem nesta película uma das suas melhores criações; Dorothy Jordan, que tem sido mal aproveitada, mas que em "Titans do Ceu" se revela excelente actriz; e Clark Gable, o novo idolo americano, um actor que vai tornar-se simpático a todo o nosso público. "Titans do Ceu", que inclui também Conrad Nagel, Cliff Edwards e Marjorie Rambeau, não vale só pela interpretação. O esmero com que a "M-G-M" produziu esta fita, a realização de George Hill, o interesse do argumento, em cujo desenvolvimento figuram cenas de aviação como até hoje não foram apresentadas, tornam "Titans do Ceu", que se conservou durante 7 semanas no "Madeléine", de Paris, um dos grandes filmes da temporada.*

(Fotos «M-G-M».)

## O Cantinho dum Cinéfilo

Nova época, novos filmes, vida nova, cá nas hostes cinematográficas.

O mês de Outubro chega de braço dado com a senhora Temporada de Inverno, que é como quem diz, com o reatamento do intenso labor cinematográfico. Em todos os campos de negócio, nas salas de cinema como nos escritórios dos distribuidores, nas mesas de trabalho dos tradutores como nos laboratórios impressores de legendas, a azáfama vai grande. Reacende-se a luta, intensifica-se o trabalho, desperta a concorrência. E até retomam agora a sua saída normal as publicações cinematográficas que não querem ou não podem aparecer regularmente durante o verão.

E, neste caso, «Cinema».



Não ha época cinematográfica que nos dê apenas super-produções. Bom e mau sempre os estúdios vão lançando para os mercados, e bom e mau tem que ser apresentado ao publico.

A julgar, porém, pelos títulos que se anunciam — títulos e correspondentes elementos de produção — parece que a temporada que ora começa vai ser fértil em boas fitas, repartidas pelos dois grupos que as camadas do público impõem — fitas para o cinéfilo dedicado, que ama e compreende o cinema em toda a sua expressiva beleza — e essas serão em reduzido número, porque são poucos os talentos que as sabem fazer e são menos ainda as bilhetelras que consentem a sua exibição, e as fitas consideradas boas porque se trabalhou convenientemente o elemento espectacular, muito embora algumas dessas não sejam desprovidas de qualidades essencialmente cinegráficas — e tais fitas serão em maior número.

A produção americana vai, esta época, como nas anteriores, marcar a sua supremacia, mas, desta vez, seguida muito de perto pela produção dos estúdios germânicos, os mais fiéis representantes da cinematografia europeia.

O cinema de França, em que multos francofilos confiam ainda com esperanças de iludidos sebastianistas, não deve dar, a julgar pelos dados que possuo nesta altura da época, grande representação em Portugal, na nova temporada. Um ou outro filme isolado será intercalado nas produções americanas e alemãs, que alternarão no comando do mercado português, com ligeira vantagem das primeiras.



Erich Pommer, o talentoso produtor de tantas obras-primas do cinema, Pabst, de «A Tragédia da Mina», Reinhold Schuenzel, de «Ronny», Fritz Lang, de «Matou», Robert Siodmack, de «Traição», Gustav Uciky, Paul Martin, Johannes Meyer, Gustav Froelich, etc., juntamente com King Vidor, de «A Multidão», Alfred Santell, de «O Papá das Pernas Altas», Von Sternberg, de «Vidas Tenebrosas», William Howard, de «Transatlântico», Cecil De Mille, de «Os Dez Mandamentos», Van Dyke, de «Sombras Brancas», George Hill, de «O Prestidlo», Frank Borzage, de «A Hora Suprema», e outros grandes animadores do cinema americano, como Georges Fitzmaurice, Raoul Walsh, Ernst Lubitch, Henry King, Clarence Brown, etc., dar-nos-ão nesta temporada as suas mais recentes criações, das quais é de esperar trabalho satisfatório, agora que horizontes novos vão sendo abertos à aliança da Imagem e do Som.

## Joan Crawford, a rebelde

Joan Crawford era, tempos atrás, uma vedeta. Naquela época pensava intuitivamente mais na sua vida privada do que na sua carreira cinematográfica. Era mais, era tam sómente uma rapariga que se contentava em enganar a vida filmando, uma rapariga cheia de vitalidade e de energia que buscava sem cessar novos prazeres e novas coisas para fazer, porque nunca se dava ao luxo de sentar-se uns momentos a pensar na vida. Joan estava muito interessada na vida de Joan Crawford, a rapariga, e não na de Joan Crawford a ballarina-actriz que mais tarde havia de se converter em uma das estrelas mais famosas do mundo cinematográfico.

A sua vida sentimental, os seus contratempos, os seus dias de miséria, prolongada e funda, tudo era de indole

bém teve talento e sorte para amar de novo um homem de valor positivo.

Joan, quando ama, fa-lo com todo o seu ser, com toda a intensidade de que é capaz um ser humano. O seu pensamento, o seu corpo, a sua própria alma, entregam-se por completo ao ente por quem sente devoção. E é por isto que é uma criatura que vibra de uma maneira absoluta. As suas mudanças afectivas são todas brancas ou negras, mas nunca brancas e negras... Ou tudo ou nada...

Era assim a Joan Crawford dos outros tempos. Então veio a grande mudança. Por causa de outra mulher perdeu o homem que amava ou que pensava amar e o seu amor próprio, o seu orgulho de mulher jovem e bonita não pôde resignar-se a uma actividade passiva. Nenhum homem havia estado interessa-



*Joan Crawford, ascendida à categoria de estrela, tem tido como galãs os primeiros actores americanos. Ei-la numa cena de "Fascinação", ao lado de Clark Gable, hoje um dos mais cotados actores do cinema da América.*

privada intimamente associadas com Joan, a rapariga. Para as pessoas que naqueles dias a tratavam na intimidade, Joan era uma amiga exemplar, uma rapariga como difficilmente se encontraria outra. A sua carreira cinematográfica era ao que menos ligava, e a que dedicava menos atenção. Todas as suas energias eram gastas nos seus assuntos privados.

Então succedeu uma coisa que mudou por completo o seu modo de pensar e de viver. Joan viu que tinha perdido o ser que mais queria no mundo, porque alguém mais elevada, mais famosa do que ela, se havia cruzado no seu caminho. Em poucas palavras, uma «estrela» de muita fama, dellveradamente, roubou-lhe o homem que amava naquela ocasião. Hoje ri quando recorda aquela ridícula tragédia, porque já não se importa com a Joan «de ontem», e porque tam-

do por ela, e Joan estava disposta a não permitir que outra mulher mudasse o rumo da sua vida com os seus encantos.

«Se é um nome o que elles querem, se é fama, glória, eu lha darei!... dizia às suas intimas. Serel uma das «estrelas» de mais fama de Hollywood, serel muito mais famosa do que «ela»...

Estas foram as amargas palavras que pronunciaram os seus lábios. Estava lívida, macerada como uma morta. Não era a alma quem falava, mas sim o seu orgulho, o seu amor próprio ferido e molestado. Desde então começou a reconquista...

Desde aquele dia, Joan Crawford, a actriz, sobrepos-se a Joan, a mulher. Hoje aquele homem é só uma lembrança da sua vida passada, mas a elle deve Joan a sua fama de hoje, porque sem

isso teria continuado a ser uma rapariga desnorreada e desinteressada.

Foi nesta ocasião que disse: «se um dia me chego a casar, quero que o meu casamento seja limpo e delicado, e sobretudo cheio de contentamento e confiança absoluta. Quero ser a inspiração e ser inspirada por minha vez por uma pessoa que o mereça».

Isto teve lugar ha uns seis anos, quando Joan era sómente uma rapariga do elenco da «Metro-Goldwyn-Mayer». Já começava a fazer papeis de dama jovem em películas do oeste e o seu nome saia com frequência em revistas e periódicos.

A rapariga descuidada, simpática e desinteressada converteu-se no assombro do estúdio e de um ser sem iniciativa e sem vontade chegou a ser o terror de todos porque se pôs a pedir agressivamente o que até então lhe haviam recusado.

Gradualmente, Joan começou a fazer-se notar. O público começou a acolher com agrado o seu trabalho e a sua correspondência começou a aumentar de modo alarmante.

Joan, por aquela altura, não tinha noivo. Ia e vinha com um grupo reduzido de bons amigos, entre os quais se encontrava Douglas Fairbanks, filho.

Ela havia sido noiva de muitos amigos de Douglas e elle havia sido noivo de não poucas amigas de Joan. Nenhum dos dois havia tomado a vida a sério até que um dia Douglas reparou que havia encontrado a companheira que tanto procurára.

Não sabemos o que succedeu a Joan. Mudou extraordinariamente e converteu-se numa mulher como há poucas. Hoje é um ser real, cheio de sensibilidade e apesar de tudo conserva o mesmo bom humor e a mesma alegria.

E desde aquele dia Doug foi o seu companheiro inseparável. Não vamos contar o idílio, e cremos sufficiente dizer que os sonhos de Joan Crawford se converteram em maravilhosa realidade.

Hoje, Joan Crawford, a «estrela» famosa e adulada, mudou um pouco o seu modo de ver as coisas. É muito mais humana e generosa do que dantes. A fama, em vez de a converter em um ser cheio de egoísmo, apresenta-no-la cheia de humanidade, de compreensão e de amor. Ainda é a mulher cheia de nervos, de vitalidade e de temperamento, mas deixou de ser uma rapariga estouvada para ser «estrela».

A mudança operada no tipo dos seus filmes não é certamente mais assombrosa que a operada na própria Joan.

O Coconut Grove, o Blossom Room, o Olsen's raras vezes a têm por cliente agora. E é porque prefere sentar-se sossegadamente no aconchego do seu lar e passar a noite com o marido, com um grupo reduzido de amizades ou com um bom livro nas mãos.

Há pouco tempo succedeu-lhe uma coisa muito curiosa.

A grande trágica Pauline Frederick era o seu ideal. Ela queria ser na panta-

Iha o que Pauline era na cena. «Se puder chegar a ser tam boa actriz como é Pauline Frederick, então e só então, serei completamente feliz. Gostava de poder trabalhar num filme com ela. Muitas pessoas me disseram que me pareço imenso com ela, e ainda que só fôsse como extra gostava de trabalhar com ela num filme qualquer».

E os seus desejos foram satisfeitos de um modo mais simpático que pensava. Em «Idade Moderna», um filme de Nicholas Grinde com Neil Hamilton, Pauline Frederick faz o papel de mãe de Joan, cujo nome brilha nas luzes eléctricas em grandes letras enquanto que o da sua antiga favorita fica muito abaixo na distribuição... Joana é a «estrêla» do filme e na presente época, além deste filme de Joan Crawford, veremos mais dois. «Fascinação», de Clarence Brown, com Clark Gable, e «No declive», de Harry Beaumont, também com Clark Gable, o actor mais discutido de Hollywood.

## Ouvindo José Mojica

Fui visitar José Mojica com o fim de saber se era certo que este verão pensava efectuar o anunciado passeio a Cuba e à América do Sul devido a não ter trabalho nos estúdios da «Fox» ou pelo facto do casamento do seu amigo e secretário Rosales.

Encontrei Mojica, o astro favorito das raparigas, no jardim da sua bonita quinta de Santa Mónica Canyon e não me foi possível apertar-lhe a mão porque se encontrava plantando, regando e removendo a terra do seu jardim...

Sorrindo, como de costume, fez-me sentar na galeria da sua casa e enquanto a sua mãe me fazia companhia, foi Mojica lavar-se e preparar-se.

Voltou daí a pouco — e eis o que me disse:

— «Não realizarei os concertos porque me sinto cansado. Esta temporada foi muito dura para mim, pois, além de cumprir com os meus contratos com o Teatro da Opera e com a «Fox», impressionei discos em vários idiomas e permiti-me o luxo de passar três semanas no México. Fui com o propósito de descansar, mas os meus parentes e compatriotas opuseram-se a isso organizando tantas festas que não tive ocasião de descansar cinco horas seguidas. Claro está que me diverti muito, mas agora estou cansado para viajar.

De Leopoldo Rosales apenas posso dizer que está muito enamorado pela sua noiva, e que a data do casamento já está marcada.

Por agora, não penso imitá-lo. São tantas as minhas ocupações que não tenho tempo nem para preocupar-me com as mulheres».

Vendo que não obtinha declarações interessantes optei por mudar o rumo



*Não sabemos se o José Mojica sabe tocar piano. O que sabemos é que é um bom actor, que tem uma voz que é uma maravilha, e que tem admiradoras às mancheias... E ainda elas não viram "O meu ultimo amor", que é, sem favor, a melhor fita do simpático tenor mexicano, em que êle aparece ao lado de Ana Maria Custodio e Mimi Aguglia.*

à conversa e indaguei dos seus trabalhos agrícolas. E antes de o deixar pedi-lhe que me dissesse qual o método que seguia para estar sempre em tam bom estado de saúde.

— «Devido à Irregularidade do trabalho cinematográfico — respondeu — não se pode planear nem cumprir um programa definitivo, mas o segredo para conservar a saúde é o método no trabalho, um plano de comidas saudáveis e bastante exercício físico. Os meus desportos favoritos são o tennis, a natação e a caça. Possuo uma cabana nas montanhas de San Jacinto, onde passo um par de semanas para recuperar as minhas forças e estar apto para o trabalho da película imediata. Nunca trabalho quando estou cansado».

Já no automóvel perguntei-lhe qual

era de todas as suas películas a que gostava mais, e sem vacillação nenhuma disse-me que «O meu último amor», não só porque é a melhor de todas mas também porque nela teve o gosto de trabalhar com Ana Maria Custodio, uma loira espanhola que o fazia sonhar com o paraíso terrestre...

ALFRED HILL.

**Não ha cinema caro para os leitores de «Cinema». Lembre-se de que, utilizando a nossa senha, poderá ir no sabado à noite ao Baltha com 50 % de desconto.**

# Dentro e Fora dos Estudios

Na Austria, a lei do contingente foi sensivelmente reduzida nas suas restrições, facilitando-se assim a importação de filmes estrangeiros.

A casa alemã «Aafa» está actualmente produzindo «Kaizerwalzer» (Valsa do Imperador), com Marta Eggerth como primeira actriz e música especial de Johann Strauss.

Raoul Roullen, um actor brasileiro de grande valor, que veremos esta temporada em «Deliciosa», ao lado de Janet Gaynor e Charles Farrell, está interpretando para a «Fox» a fita em espanhol «O último homem sobre a Terra», com Rosita Moreno. Ha anos que a «Fox» fez esta fita em versão muda, que obteve grande successo.

Charlotte Susa, a linda actriz alemã que vimos ha pouco em «Manobras de Amor», e que brevemente aparecerá ao lado de Gustav Froelich no excelente filme de espionagem «Sob falsa ban-

da» film». Os principais credores desta casa são a «Tobis» e a «British International Pictures».

Tem estado na Europa Ambrose Dowling, director dos serviços estrangeiros da casa americana «RKÖ». Em Paris, Ambrose Dowling fechou contrato com Jacques Haik, pelo qual esta firma francesa distribuirá em França a produção «RKÖ».

Karen Morley, a nova actriz da «M-G-M», que veremos brevemente em «Arsene Lupin», ao lado de John e Lionel Barrymore, vai fazer um dos principais papeis de «A Mascara de Fu Manchú», que a «M-G-M» está preparando com Boris Karloff, Lewis Stone, Jean Hersholt e Myrna Loy.

Kate de Nagy, que vemos esta semana em «A Bela Aventura», está já interpretando «Le Lit de Mme. Ledoux», com Fernand Gravey. A seguir, Kate de Nagy interpretará «L'Etoile de Valen-

«Casanova», «A Casa do Mistério», «Kean» e «O Diabo Branco».

O realizador francês Maurice Tourneur foi há dias vítimas dum acidente de automóvel, tendo fracturado uma costela e dois dedos.

Na próxima sexta-feira, 14 de Outubro, será apresentada em sessão de gala, no «Gaumont-Palace», de Paris, a nova fita da «G. F. F. A.», «Monsieur de Pourceaugnac».

## Estelle Taylor com Clara Bow

A actriz Estelle Taylor, divorciada de Jack Dempsey, faz o papel de mãe de Clara Bow na fita «Call Her Savage», que será exibida entre nós com o título «Sangue Vermelho», anuncia-se como uma das grandes fitas do ano, tal o cuidado que a «Fox» está dispensando à sua produção.

Na próxima segunda-feira, 17 de Outubro, será estreada no «Tivoli», de Londres, a fita «O Tenente de Marinha», com Henry Edwards e Anna Neagle, que a «British & Dominion» produziu recentemente. Trata-se da versão falada do filme do mesmo título feito há anos, em versão muda.

Ramon Novarro mandou construir uma casa em Hollywood, no mais moderno estilo, tanto no aspecto exterior como em todos os interiores, iluminação, mobiliário, etc. A casa é situada nos montes Los Felix.

## Liane Haid e Iwan Petrovitch

A casa alemã «Aafa» está produzindo a versão falada de «O Orlow», a conhecida opereta que já foi feita como filme silencioso. Os protagonistas serão Liane Haid e Iwan Petrovitch. Liane Haid aparecerá esta época numa opereta de grande espectáculo «O Principe da Arcádia».

Virginia Bruce, a nova actriz da «M-G-M», que ha pouco se casou com John Gilbert, declara que não chegou a gosar a lua de mel, porque não deixou de trabalhar constantemente desde o dia do seu casamento. Virginia Bruce faz um dos principais papeis da fita «Kongo», que a «M-G-M» está produzindo, com Lupe Velez, Walter Huston e Conrad Nagel.

Com a senha deste número de «Cinema», o leitor pôde ir no próximo sábado à noite ao Batalha, por metade do preço.



Marta Eggerth e Ernst Verebes em «Era uma vez uma valsa», uma opereta alemã de grande espectáculo, com música especial de Franz Lehar, que a «Aafa» produziu e a Gomp.ª Cinematográfica de Portugal vai distribuir.

deira», acaba de ser contratada pela «M-G-M», e encontra-se já em Culver City.

A «Fox» vai juntar novamente Victor MacLaglen e Edmund Lowe numa película cujo título ainda se ignora.

A «M-G-M» contratou a actriz americana de teatro Muriel Kirkland, e está preparando algumas importantes películas que terão aquela actriz como principal intérprete.

O famoso tenor Tito Schipa cantará na fita italiana «Três Homens de Frack», que está sendo produzida em Roma pela «Caesar-Film».

A casa alemã «Sued Film A. G.» suspendeu pagamentos, tendo-se fundado a firma «Europa Filmverleih» para se ocupar dos assuntos pendentes da «Sued

clia», produção Alfred Zelsler dirigida por Serge de Poligny.

Mary Astor foi contratada pela «Metro-Goldwyn-Mayer», para interpretar «Red Dust», com Jean Harlow e Clark Gable.

No dia 21 de Agosto foi baptizado John Blyth Barrymore, o novo filho de John Barrymore e Dolores Costello. O escritor Edward Sheldon foi o padrinho, e Helene Costello a madrinha.

O produtor J. N. Ermolleff confiou ao encenador Alexandre Volkoff a realização de «A Miléssima segunda noite», para a «G. F. F. A.». Da aliança daqueles dois cineastas deve resultar um filme de valor, se se tiver em conta que Ermolleff é um produtor experimentado e que Volkoff foi o realizador de «Sheherazade»,

Outubro

1

S A B A D O

Começou a exhibir-se em Portugal  
a série de **50 PROGRAMAS**  
que na temporada de **1932/33**  
apresenta a

AGENCIA CINEMATOGRAFICA  
H. DA COSTA, LDA

## D O I S A R T I S T A S

## John Barrymore

John Barrymore tem tido vários passatempos. Desde a infância tem tido sempre algum interesse absorvente a que dedica todas as suas energias. Em várias ocasiões os seus passatempos foram escrever, desenhar, compôr musica, viajar, ou colecionar exemplares de primeiras edições e outros onde se revela nitidamente a sua versátil personalidade.

Agora o seu passatempo favorito é sair mar fora no seu iate. John Barrymore entende tanto de iates e de navegação como qualquer pessoa dedicada a estes assuntos marítimos. Se fôsse preciso, o elegante John poderia ocupar o lugar de qualquer membro da sua tripulação e tomar conta do seu posto com toda a perfeição. Quando estava construindo o seu iate, chamado «The Infanta» (A Infanta) em honra da sua filha, Barrymore passava todos os dias longas horas no estaleiro fiscalizando os detalhes do trabalho. Surpreendeu com os seus conhecimentos de vapores e navegação os velhos lobos do mar, que estavam a ponto de fazer pouco das instruções dum simples actor.

«Uma das causas principais deste entusiasmo pelos passeios em iate é que Dolores gosta tanto deles como eu», disse John certo dia enquanto falava das viagens que tinha realizado e das que pretende levar a efeito.

Um dos detalhes mais importantes do luxuoso iate «A Infanta» é a cabina construída especialmente para a pequena Dolores. A filha de John Barrymore empreendeu a sua primeira viagem quando contava só algumas semanas de idade. Passou os primeiros meses da sua vida sobre a ondulante superfície dos mares, longe de qualquer vista de terra. E ficou gorda e corada... Agora tem um irmãozinho, que sem duvida alguma, tambem será em pouco tempo um marinheiro destemido.

«Deem a um homem a sua família, um barco rápido e bem equipad e ele não tem mais nada que pedir na vida», disse John Barrymore. «Uma viagem proporciona prazer desde o principio até o fim. O prazer começa com o projecto da travessia, com o estudo dos mapas, com o traçado da rota e com a arrumação das provisões. Depois vem a viagem. Quem já cruzou os mares, parando em portos estranhos e contemplando o nascer e pôr do sol num mundo em que é o unico ser, conhece o prazer que se sente nestas peregrinações. E até quando se regressa e mais uma vez nos encontramos nas lidias diárias da vida, o encanto da viagem fica retido na memória.

E durante uma hora esteve John Barrymore relatando as emoções que sentiu nas suas viagens, nos lugares por onde andou e com as pessoas que tinha visto, interessando a tal ponto os ouvintes que pareciam sentir água salgada pelo rosto

e ouvir o som das ondas batendo de encontro ao iate...

Isto é o que se pode chamar um agradável passatempo! Se nós possuíssemos um iate como «A Infanta», pequeno e forte, no qual nos fôsse possível percorrer as sete partidas do mundo, não ficaria ninguém em terra... Iria toda a família cinematográfica que trabalha aqui em casa... É sempre que se estresse em Nova-York ou em S. Francisco um filme de John Barrymore, como «Arsene Lupin», por exemplo não nos importarmos de, para assistir à estreia, sulcar as águas do Atlântico ou cruzar as costas do Pacifico...

## Lionel Barrymore

Lionel Barrymore estava a trabalhar num dos cenários sonoros dos estúdios da «Metro-Goldwyn-Mayer», quando tocou o telefone. Era um recado de seu irmão, — John Barrymore.

— «E' um garoto», foi a notícia.

No Hospital do Bom Samaritano, em Hollywood, tinha nascido um herdeiro a John Barrymore e à sua esposa Dolores Costello. Este é o segundo filho do seu casamento, mas o primeiro varão da família que usa o nome de Barrymore.

Com esta criança principia a nova geração dum famoso nome no teatro e no cinema. Ha mais de um século, numa linha ainda não cortada, este bebé é o descendente das maiores celebridades do teatro na Inglaterra, Irlanda e Estados Unidos. John e Lionel estão mais do que orgulhosos com este acontecimento. Se não tivesse nascido um rapaz talvez fôsse o fim da dinastia...

Na verdade, esta descendência sómente seria em parte finalizada. Ethel Barrymore tem três filhos, — Samuel, John Drow e Ethel Barrymore Colt; mas usam o nome de Colt. O novo bebé perpetuará o nome dos Barrymore.

O público certamente não conhece a longa linhagem de celebridades teatrais que está por trás deste novo bebé Barrymore. Conhecem, naturalmente, Lionel, John e Ethel. Lionel, que se tem salientado em tam poucos meses como uma das figuras sensacionais do cinema falado, nos seus papéis em «Mata Hari», «Arsene Lupin», «Uma Alma Livre», que tem sido grandes êxitos no estrangeiro e esta temporada se tornarão conhecidos do público português. John, o brilhante e romântico Brummel da tela, heroi de «A fera do Mar», «Svengali», «Arsene Lupin» e muitos outros papéis. Ethel, idolo dos teatros de Broadway, criado-

## Grande êxito de «Um Sonho Dourado»

A estreia de «Um Sonho Dourado», a nova produção de Erich Pommer, para a «Ufa», que ha dias teve lugar em Berlim, constituiu um verdadeiro acontecimento cinematográfico. Toda a imprensa elogia esta super-produção, salientando o desempenho de Lillian Harvey, música de Heymann e a realização de Paul Martin, que obteve uma nova formula do filme musical. Alguns criticos consideram «Um Sonho Dourado» superior a «O Caminho do Paraíso» e «O Congresso que Dansa».

ra de famosos papéis, e actualmente a última dos Barrymore que vai trabalhar no cinema.

Descendentes duma longa linhagem de actores famosos nos teatros de Londres, que data desde 1800, Ethel, Lionel e John, filhos de Maurice e Georga



A primeira fita em que aparecem juntos os dois irmãos Barrymore é «Arsene Lupin», da «M-G-M». Aqui os vemos numa cena daquele filme: John Barrymore no Arsene Lupin, Lionel no detective, e, ao centro, Karen Morley.

(Foto «M-G-M».)

Barrymore, pareciam destinados desde crianças para o teatro. Lionel e John lutaram contra esta carreira. Ethel aceitou a carreira artistica e tornou-se o primeiro membro famoso de sua geração. Lionel abandonou o palco, estudou desenho e foi trabalhar como ilustrador de capas de revistas. John estudou tambem desenho e arranjou um emprego como caricaturista num jornal de Nova York. Arthur Brisbane, que era o director do jornal, viu que John tinha mais vocação para ser actor de que caricaturista e despediu-o. John não teve outro remedio se-

## Janet Gaynor e Charles Farrell outra vez juntos

Devido ao êxito que tem obtido os filmes do par Gaynor-Farrell, a «Fox» decidiu que «Tess of the Storm Country» («Tess paiz das tempestades») fosse interpretado por aqueles dois artistas.

Charles Farrell terminou ha pouco «Wild Girl», com Joan Bennett, tendo feito anteriormente «Deliciosa» e «Recem-Casados», que veremos esta época, ambas com Janet Gaynor.

não voltar para o teatro. Lionel achou que trabalhando como ilustrador não ganhava o suficiente e foi então persuadido por John a trabalhar com ele em «Peter Ibbetson».

O resto de suas historias é moderno e bem conhecido. John e Lionel apare-

## O regresso de Billie Dove

A «Metro-Goldwyn-Mayer» parece estar empenhada em reunir no seu elenco artistico as belezas cinematográficas de maior relêvo, porque acaba de contratar uma das mais bonitas artistas que têm desfilado ante a câmara.

Billie Dove, que depois do seu divórcio com Irvin Willat desapareceu da pantalla para somente reaparecer há pouco, foi contratada pela «Metro» e filmou já uma película de que é protagonista juntamente com Marion Davies.

Todos os aficionados do cinema conhecem o trabalho realizado por Billie Dove durante a época triunfal do cinema silencioso. A sua beleza, a sua elegância, o «chic» que caracterizava as personagens das suas películas e a maneira como as interpretava elevaram-na à categoria máxima do estrelato, onde o seu trabalho culminou e a sustentou até aparecerem certas divergências com a casa que a contratava e o seu divórcio, e decidiu então afastar-se do cinema.

Mas quem sente a arte a que entregou todas as suas ilusões, não pode ficar muito tempo na inactividade. Os que provaram o mal do triunfo e brincaram com a fortuna não podem habituar-se a perder uma popularidade senão foi o fracasso que os levou a tal perda. A cena exerce uma grande atracção, fascina-os e é justo que figuras como Billie Dove, que ao afastar-se do campo das suas actividades estava em pleno apogeu, voltem à cena onde são necessárias e onde ainda muito poderão fazer.

O microfone foi nos principios do cinema sonoro o pesadelo de muitas «estrelas». Muitas vacilações e titubeias seguiram o aparecimento do cinema falado, mas à medida que o «mike» se foi aperfeiçoando e as artistas aprenderam a vocalizar e dizer, as possibilidades das antigas «estrelas» foram-se aclarando e vol-

tando a ser praticável a sua inclusão na distribuição dos grandes papéis cinematográficos.

Certo é que nem todos os timbres de voz são bem registados pelo microfone, mas se formos examinando o processo da sua perfeição daremos conta que tudo se vai modificando a pouco e pouco. Está neste caso a voz de John Gilbert, que tantas vezes se disse não ser fonogénica, e que na película intitulada «O destino de um cavaleiro» é registada sufficientemente bem para não resultar desagradável.

Billie Dove nunca se encontrou em caso semelhante, visto que a sua voz, registada pelos primitivos microfones, resultava sufficientemente harmoniosa para agradar ao público e por isso cremos que a sua volta há-de ser um novo êxito mais a juntar aos obtidos durante a sua brilhante carreira.

Além da sua beleza incomparável, é um caso admirável de fotogenia. A perfeição das linhas do seu rosto, o seu cabelo negro e os olhos extraordinariamente belos são recolhidos no celulóide com tanta propriedade que o espectador mais exigente quanto à beleza tem, forçosamente, de ficar satisfeito.

## Eric Pommer contratado pela «Fox»?

A-pesar dos desmentidos que já circularam, corre insistentemente que a «Fox» conseguiu contratar o produtor alemão para seguir para a América.

Lillian Harvey e Henry Garat seguirão ainda este ano.

## AOS LEITORES

Por motivos de força maior, este número de «Cinema» saiu atrasado. E' natural que não nos seja possível conseguir que o próximo já saia no dia próprio, pelo que prevenimos os leitores de que não devem estranhar o atrazo, se êle se verificar.

Com a senha deste número de «Cinema», o leitor pôde ir no próximo sábado à noite ao Batalha, por metade do preço.

## A vida de Lewis Stone

**C**avaleiro que se disfarça de operário. Militar em traje civil. Crítico severo. Mudo como a Esfinge, quando se encontra entre estranhos, mas conversador num círculo de amigos. Cintilantes olhos azues. Magnetismo irresistível. Mestre na arte de desconcertar os vaidosos, os intrusos e semelhantes pragas da sociedade.

Nasceu em Warcester, Massachussetts. Militou na guerra de Cuba. Serviu com a patente de comandante na guerra mun-

Gulou um dos primeiros automóveis que apareceram em Los Angeles. Os seus entusiasmos com o carro deram por resultado o aparecimento das primeiras ordens de trânsito proibindo uma velocidade superior a 12 quilómetros por hora... Jamais o prenderam por excesso de velocidade desde então e nunca teve «chauffeur». E' fanático pelas tradições e a precisão do exército. Abandonaria o seu jornal e atravessaria todo o aposento para endireitar um quadro dependurado na parede. Ama a disciplina e a pontualidade, mas rebelda-se ante a tirania. Está sempre do lado dos vencidos. Não oferece nem assiste a festas em Hollywood, mas é um hóspede delicioso em tertúlas improvisadas.

-los contar as suas aventuras de outros tempos na fronteira do território indio... mas longe das vistas da policia. Gosta muito da boa musica e do drama. Nunca diminui o seu interesse pelo teatro, mas não aspira a voltar à cena. Trata do seu jardim e maneja pessoalmente o trator para o cultivo da sua horta.

Sempre lê primeiro os sultos do que os artigos dos jornais. O seu camarim é o mais despido de todos os quartos de vestir. Nunca usa maquiagem no cinema... E é um marido modelo, porque nunca se esquece da hora das refeições.

Eis Lewis Stone tal qual é. Aparecerá esta época em vários filmes, como «Mata-Hari» e «O Pecado de Madelon Claudet».



*Clark Gable está dizendo a Dorothy Jordan que, se aquela bomba cair ao chão, ambos ficarão reduzidos a cinzas... A Dorothy Jordan parece não ter grande receio, mas...*

*(Cena de "Titans do Ceu", super-produção da "M-G-M" realizada por George Hill).*

dial e hoje é oficial da reserva. Experimentado atirador, entretém-se diariamente com o tiro ao alvo. Um dos poucos aficionados pelas viagens marítimas em late. Gosta da separação do oceano. Não falta nas regatas e festas náuticas. Fuma cigarros que a miúdo enrola em papel côr de chocolate e com tabaco forte. Condimenta a carne com espécies picantes. Nunca sabe onde deixa o chapéu de chuva e as luvas. Não tem estojo de maquiagem. Costumava caçar coelhos no local onde hoje se levanta o Hotel Roosevelt, no Hollywood Boulevard. Acampava onde se encontra hoje o Teatro chinês. O bar do velho Jim Jeffries era o seu lugar predilecto na época em que actuava com furor no Teatro Belasco.

Nunca lê recortes de jornais. E' uma biblioteca ambulante de informação e estatística. Leitor omnívoro. Não lhe escapou nenhuma das obras da sua enorme biblioteca. Tem uma maneira particular de cruzar as mãos quando fala. Nunca se engana no diálogo. Não necessita de ensaios. E' muito tolerante para com as pretensões dos actores e directores. Engenho pronto e vivo. Ninguem conta uma anedota com o encanto e graça dêle. Tem uma cavalariça e uma pista para cavalos na sua quinta. A sua filha Bárbara é a sua companheira inseparável em caminhadas e caçadas. A filha mais velha, Virginia, é actriz teatral em Nova York.

Wallace Beery e família são as suas visitas mais frequentes. E' curioso ouvi-

## A «Warner Brothers» processa a «Western Electric»

**D**eve ser julgada em fim deste mês ou princípios de Novembro a questão que a «Warner Brothers» moveu contra a «Western Electric» no U. S. District Court, de Willington. A «Warner Brothers» afirma que os aparelhos de reprodução sonora instalados no seu circuito Stanley são vendidos, e deseja terminar também com o pagamento do serviço semanal.

O circuito Stanley é dos maiores da América, pois inclui algumas centenas de cinemas. A «Warner Brothers» possui 97% das acções do circuito Stanley.



*Janet Gaynor continua a ser a actriz mimada do público de todo o mundo. Em Portugal, também a linda estrêla tem um admirador em cada frequentador dos cinemas. Mas Janet Gaynor é querida de um modo especial. A gente era muito capaz (ó, se era!) de ir para a grande pândega com a Clara Bow ou com a Lillian Harvey, mas com a Janet, palavra que não! Essa é para se adorar com muito respeito, para ser tratada com muito cuidado, tal raro bibelot susceptível de se esbotenar facilmente...*

*Janet Gaynor tem dois grandes filmes para esta temporada: "Deliciosa" e "Recem-Casados", ambos com Charles Farrell. Um felizardão, êste Charles Farrell!*

# Pat e Patachon, Musicos Ambulantes



## PRINCIPAIS INTERPRETES

Pat . . . . . Harald Madsen  
 Patachon . . . . . Carl Schenstrom  
 Hagen, negociante . . . . . Henry Bender  
 Mrs. Hagen . . . . . Anny Rosar

Realizador: KARL BOE: E

Programa Companhia Cinematográfica  
 de Portugal

## ARGUMENTO

Pat e Patachon encontram-se sentados no duro banco de uma prisão, satisfeitos porque a pena está quasi cumprida. São dois pobres artistas que foram capturados quando tocavam as suas músicas num local em que era proibido faze-lo. São forçados a trabalhar muito para conseguirem meios para a sua filha adotiva Kitty, uma linda rapariga, adotada por ambos após a morte dum colega. A pequena, que se encontra internada num colégio, supõe que os seus pais adotivos são ricos negociantes.

Em virtude de terem sido presos, Pat e Patachon devem 100 marcos ao colégio, e a Directora previne Kitty para escrever aos seus pais adotivos.

Depois de cumprida a pena, Pat e

Patachon vão ao correio buscar uma carta de Kitty. Encontram-no fechado. Mas Patachon consegue, por meio de música, entrar na repartição e receber noticias de Kitty. Veem-se em sérios embaraços para arranjamem 100 marcos.

De principio pensam em os angariarem tocando música, mas, súbitamente, apparecem-lhes dois desconhecidos que elles tomam por detectives e fogem. A fome apoquentá-os e resolvem entrar num restaurante automático. Ali uma gatuna rouba uma carteira e, na fuga, mete-a na algibeira de Pat, quando este entra no restaurante, sem que elle se aperceba disso.

Sucede que no restaurante está um aparelho avariado e elles aproveitam a coincidência para matar a fome sem pagarem. Saem em busca de trabalho. Um homem propõe a Pat um combate de luta, oferecendo-lhe 100 marcos. Não obstante os esforços de Patachon para auxiliar o seu amigo e das suas partidas, não logram ganhar os desejados 100 marcos, mas sim uma carga de pancada.

Experimentando os seus membros feridos e magoados, Pat encontra a carteira com os 500 marcos. Ficam ambos bastante surpreendidos, mas deveras satisfeitos.

Kitty e Fritz Hagen querem casar, mas o velho Hagen não consente sem conhecer os pais de Kitty. Pede-lhes, por telegrama, uma entrevista. Pat e Patachon, à vista do telegrama, ficam radiantes, porque supõem tratar-se dum novo contrato. Este engano quasi que os leva a nova catastrophe. Mas Pat salva a situação com a sua presença de espirito, dizendo que vão a uma festa, para o que convida Hagen a acompanhá-los. Condu-



# Pelos nossos Cinemas

A BELA AVENTURA (La Belle Aventure): — Uma encantadora história, narrativa deliciosa, salpicada de humorismo, cintilante de espírito, que Reinhold Schuenzel levou à tela, se não com grandes manifestações de expressão fílmica, pelo menos sem privar essa transposição do interesse que os autores souberam imprimir à peça agora adaptada ao cinema.

Se Schuenzel não soube fugir à influência teatral da obra de Caillavet, De Flers e Etienne Rey — e todos os planos, em tôdas as seqüências se verifica abundância de diálogo e de situações submetidas ao dinamismo da representação de teatro — ao menos foi habilidoso ou inteligente bastante para esmaltar essa narrativa de quadros de grande valor pictórico, que a objectiva privilegiada de Fritz Wagner focou com grande mestria, nos lindíssimos trechos de Paris, que deliciam a vista, ou nos quadros campestres, de extraordinário bucolismo, que enternecem, que fazem sonhar, tal a beleza incomparável da composição fotográfica, em ângulos inusitados, em maravilhosas tonalidades de luz, em recortes de notável concepção artística. Esses quadros, só por si, valeriam tôda a película.

Difícil seria, porém, a qualquer realizador, dar ao entrecho de «A Bela Aventura» uma melhor valorização fílmica, desde que se trata duma peça teatral que não vive de movimentação cênica ou sobresaltados episódios, antes está assente na descrição intensamente dialogada. Este diálogo, porém, é de tamanha *finesse*,

zem-no a uma pequena cervejaria em local duvidoso. Ali encontram a gatuna que, com o auxílio do lutador, rouba novamente a carteira a Pat. Hagen, que não dá pelo roubo, supõe tratar-se de uma obra de caridade e fica radiante com os seus futuros parentes. A data para o pedido de casamento é fixada e Pat e Patachon ficam convidados.

Pat e Patachon adquirem a indumentaria precisa e aparecem muito decentes no dia marcado. Surgem, de novo, os dois desconhecidos que eles supõem ser detectives, obrigando Pat e Patachon a fugirem outra vez. Mas, finalmente, tudo acaba a bem. Sabe-se que os dois desconhecidos são directores de um teatro de variedades e Pat e Patachon conseguem um magnífico contrato.

«Cinema» facilita aos seus leitores espectáculos baratos. Recorte a senha deste numero e vá no sábado à noite ao Batalha. Assim economizará 50% do preço do bilhete

tam vivo na construção da perpécia, tam feliz na segurança do interesse, tam subtil na condimentação maliciosa, que a fita se acompanha com verdadeiro prazer, a despeito de a imagem ser relegada para segundo plano, e o conjunto da obra, com excepção dos quadros a que acima me refiro, ter todo o aspecto duma peça teatral filmada.

A interpretação, que nos apresenta a linda alemã Kate de Nagy à frente dum



grupo bastante numeroso de artistas franceses de certa reputação, apenas merece destaque pelo excelente trabalho de Marie Laure, na avó de Helena, pelo exagêro cómico de Lucien Baroux, que precisava de moderar-se, para ser bem apreciado, e pelo desempenho de Kate de Nagy, que, de dia para dia, se afirma como comediante de grande talento, um dos grandes valores da cinematografia alemã, uma actriz que sabe o que faz e que é grande nos mais pequenos pormenores das suas personagens.

Jean Périer, sem motivo para relêvo e Daniel Lecourtols, um galã como há muitos, incapaz de poder equilibrar-se ante a potência interpretativa de Kate de Nagy.

Um bom filme que merece se visto, esta «Bela Aventura»!

Autores: Robert De Flers, G. A. de Caillavet e Etienne Rey. Cenaristas: Reinhold Schuenzel e Emmerich Pressburger. Adaptador desta versão francesa: Etienne Rey. Fotografos: Fritz Arno Wagner e Robert Baberske. Director do som: Hermann Fritzscheing. Decorador: Werner Schlichting. Autor musical: Ralph Erwin. Canções de: Bernard Zimmer. Intérpretes: *Hélène de Trévillac*, Kate de Nagy; *Madame de Trévillac*, Marie Laure; *Conde d'Eguzon*, Jean Périer; *Condessa d'Eguzon*, Paule Andral; *André d'Aguzon*, Daniel Lecourtols; *Valentin Le Barroyer*, Lucien Barroux; outros intérpretes: Jeanne Provost, Le Gallo, Renée Fleury, Maurice, Marguerit Témpley, Michèle Alfa, Paul Olivier, Lucien Callamand.

Produzida em 1932 pela «Ufa» (Gunther Stapenhorst). Estreada no «São João» em 1 Outubro 1932.

tubro 1932. Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, Ltda.

RICARDITO, LOBO DO MAR (Dancing Dynamite): — Richard Talmadge criou um público especial, o público que adora os filmes de aventuras, que delira com as proezas de Tom Mix, de Hoot Gibson ou de Ken Maynard. Richard Talmadge tem, porém, sobre todos os outros, a vantagem de ser um perfeito atleta, completo saltador, de qualidades tais que causarlam inveja aos mais reputados acobratas de circo.

As fitas de Ricardito não precisam de categorizado realizador, nem tampouco há mister de o autor queimar as pestanas em história bem imaginada ou bem construída. O tal público especial — que é uma grande maioria — nem sequer repara na fragilidade, na inconsistência do argumento, que tem o sabor de certos episódios de «Os Mistérios de Nova-York» ou de «A Chave Mestra», para só se fixar na habilidosa ginástica de Richard Talmadge, nas suas lutas, nos seus prodigiosos saltos, sem trucegem, 100% verdadeiros.

«Ricardito, Lobo do Mar» agrada em chelo a êsses numerosos admiradores de Richard Talmadge. E se ao crítico desagrada tal género de fitas como demonstração de beleza cinematográfica, ao público em geral, ao espectador *tout court* satisfaz inteiramente.

Realizador: Noel Mason. Intérpretes: Richard Talmadge, Blanche Mehaffey, Robert Ellis, Richard Cramer, Harvey Clark, Dot Farley, Jack Ackroyd, Stanley Blystone e Walter Brennan.



Produzida em 1931 pela RICHARD TALMADGE PRODUCTION (Capitol Productions). Estreada no «Olimpia» em 5 Outubro 1932. Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, Ltda.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

Como nem toda a gente pode frequentar matinées, «Cinema» conseguiu para os seus leitores um desconto de 50% nas soirées do Batalha, aos sábados. Aproveite.

Aproveite. Aproveite.

## Correspondência

**CAPITÃO SAINT-AVIT**: — A sua Kate de Nagy, a nossa Kate de Nagy é alemã, e o seu nome correcto escreve-se: Kaethe von Nagy. Quanto à idade, ó, não seja indiscreto! Os artistas europeus dificilmente indicam o ano em que nasceram.

Depois de «A Bela Aventura», Kate de Nagy aparecerá em «Le Lit de Mme. Ledoux» («Eu de dia e tu de noite»), que presentemente está interpretando. A seguir fará «L'Étoile de Valencia», produção Alfred Zaisler para a «Ufa».

Até depois, Saint-Avit. Beijinhos à Antinéa.

**BAIKA VATARES**: — Li a sua carta com a atenção devida, tal qual

mento dos seus préstimos em Lisboa. Mas esqueceu-me de duas coisas muito importantes, para que o meu agradecimento se torne efectivo: o seu nome verdadeiro e a sua direcção...

**JE SUI S LOLA...**: — ... et puis, tu fais: ah, ah, ah:

Lilian Harvey deve aparecer esta época em 4 produções, a primeira das quais será «Quick», com Jules Serry, «Sonho Dourado», com Henry Garat, «O Testamento do Marquês de S.» não se sabe ainda com quem e uma outra para a «Fox», cujo titulo e primeiro actor ainda se desconhecem.

Se quer escrever à Lillianzinha, faça-o para «Universum Film Aktiengesellschaft», Berlim SW 19, Krausenstrasse 38/39. Mas não demore muito, porque, logo que termine «O Testamento do

duas épocas findas, no que respeito à qualidade dos filmes, para os críticos e público de maior cultura. Porque, em quantidade, e para satisfação da generalidade do público, a América teve ainda o predomínio. Com respeito à França, é como diz: se lhe tirar os filmes de René Clair e um ou outro feito de colaboração com casas estrangeiras, pouco se aproveita.

Não concordo porém, com a injustiça com que se fala da América. Lembre-se que é um país recente, com um numeroso público frequentador de cinemas, que é preciso sustentar, satisfazendo as suas exigências. Daí os entrecos que nós chamamos vulgares, o *happy ending*, etc., que eles não tem querido evitar. E não esqueça também que não é só isso que vão fazendo na América. Há filmes como «Ruas da Cidade», há os filmes de King Vidor, os de Van Dyke, etc., não falando já nas formidáveis lições que aos cineastas de todo o mundo deram David Griffith, Cecil De Mille, etc.

Em geral, em toda a Europa, todos encaram com maus olhos o valor do cinema americano. E aqui em Portugal não se faz excepção, sobretudo porque vemos o melhor que o cinema alemão produz, porque vimos dois ou três dos melhores filmes que a Rússia fez. Se se passasse o filme de-todos-os-dias da produção germânica ou da produção soviética, talvez as opiniões mudassem...

Eis o que posso dizer-lhe neste resumido espaço.

Quanto às revistas atrasadas, queira escrever carta dirigida à Administração. Também os selos para a remessa do Catálogo de Postais «Ross» devem ser enviados em nome do nosso director, Alberto Armando Pereira. Entreguei-lhe os que incluiu na sua carta, mas só poderá mandar-lhe a catálogo quando enviar a sua direcção. Ou bastará escrever: «Maria Cachucha, com quem dormes tu — Coimbra?»

**LUCIFER, O DESPORTISTA**: — O Director manda dizer que, se houver uma final de campeonato lá nas profundas do Inferno, e se o F. C. do Porto for o finalista, vai lá fazer uma visita ao meu amigo... Bom proveito!

Quanto ao seu alvitre, tenha paciência, mas essa de abrir secção de «quebracabeças, charadas e enigmas, palavras cruzadas, etc.», não nos ficaria bem. Era uma concorrência desleal ao «Almanaque de Lembranças Luso-Brazilero» ou ao «Bertrand».

Que interesse teria, passarmos a ocupar as colunas de «Cinema», com «novíssimas» como esta: «Uma racha com aprumo, só numa actriz de cinema» — 2-2. Solução: Greta Garbo.  
Ora, ora, ora...

**CHARLES FARRELL ATÉ À MORTE**: — Caramba! Nem tanto nem tampouco! Eu, minha senhora, também gosto muito da Janet Gaynor, adoro-a até (porque a minha mulher dá licença), mas isso de ser Gaynorfilo até à morte, está quieto...



*Clark Gable e Wallace Beery estão aqui fazendo uma demonstraçãozinha da amizade que os liga em "Titans do Céu", um filme de aviação, um grande filme de aviação diferente dos anteriores filmes do género. A "M-G-M" não quis ficar atrás das outras casas, e deu-nos uma verdadeira super-produção, sem exagêro de prefixo.*

como me pede, e não consegui perceber grande coisa. Se eu sou o Eugénio Peres? Não, minha senhora! Que mania de me confundirem com outras pessoas que trabalham nesta casa! Quanto à carta que diz ter escrito com o pseudónimo Eugeperes, não me veio parar às mãos. Se a mandou para a rua Duque de Saldanha, já deve estar no cesto dos papeis. As cartas cá para o rapazinho devem ser todas dirigidas para «Eu Sei Tudo», rua do Bomjardim n.º 436-3.º, que é a sede (redacção e administração) de «Cinema».

Muito obrigado lhe fico pelo ofereci-

Marquês de S.», ela deve partir para a América.

**ARMANDO SILVA**: — Janet Gaynor continúa com a «Fox». Escreva-lhe para «Fox Studios», 1401 N. Western Avenue, Hollywood, Cal. (U. S. A.).

**MARIA CACHUCHA...**: — Desculpe, mas não escrevo o pseudónimo por inteiro, porque é muito comprido...

Estou às suas ordens, dentro dos limites desta secção. Absolutamente de acôrdo com a sua opinião, quanto ao domínio da produção europeia, nas

Na capa: — Pat e Patachon, protagonistas de «Pat e Patachon, Musicos Ambulantes».

Redactores:  
João Santos  
e Sousa Martins

Redacção e Administração:  
Rua do Bom Jardim, 436-3.º  
PORTO

# CINEMA

## SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS  
Continente e Ilhas:  
Trimestre, 12\$00, Sem.  
24\$00, Ano, 46\$00 —  
Ultramar: Trimestre,  
14\$50, Sem. 29\$00,  
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:  
Eugénio Peres

Comp. e Imp. nas oficinas  
da Empresa AQUILA  
Rua Duque Saldanha, 312  
PORTO

Charles Farrell continúa casado com a Virginia Valli e continúa a ser um dos mais populares actores na América. Aparecerá esta temporada em «Deliciosa» com Janet Gaynor e El Brendel (uma fita deliciosíssima, minha senhora!), em «Recem-Casados», também com a Janet Gaynor e, possivelmente, numa fita com a Marion Nixon, cujo titulo em português ainda não está fixado.

VIVA O «EU SEI TUDO!» — Viva, por muitos anos e bons! E muito obrigadinho!

Suponho que o Director tem postais do Charles Boyer. Mas para isso dos postais «Ross», escreva-lhe directamente.

O SOLE MIO: — O cinema italiano tem estado muito por baixo, mas parece agora querer ressurgir. Escreva para os estabelecimentos Cines-Pittaluga, Via Veio, 51 — Roma.

ALBERTO BARRADAS — O Director está contentíssimo com os selos que o meu amigo tem continuado a enviar-lhe, e aqui estou a agradecer-lhe em seu nome.

Quanto às suas perguntas, tomo a liberdade de lhe pedir para não me escrever durante os três meses mais próximos. E que tenho aqui nada menos de 11 cartas suas, com 33 perguntas, ou seja, material para lhe responder durante três meses...

1.º — Vamos fazer-lhe a vontade, e dentro em pouco publicaremos um retrato grande de Greta Garbo. 2.º — Nem Beatriz Costa nem António de Oliveira estão designados para o primeiro fonofilmado da «Tobis Portuguesa». Ignora-se quem serão os primeiros artistas contratados. 3.º — Marie Glory é solteira. Escreva-lhe para; 37, rue Pergolèse, Paris (16me.).

EU SEI TUDO.

# BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

Terça-feira, 11 de Outubro

Estreia no Porto da magnifica produção

## Mulher duma Noite

Película em francês, o primeiro filme falado da grande actriz

FRANCESCA BERTINI

com o querido actor JEAN MURAT

## Sarzan entre Feras

Excelente filme de aventuras, pelo popular KEN MAYNARD

PREÇOS POPULARES  
A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

Incontestavelmente o  
melhor receptor é o

# MENDE

Sonora — Radio

Rua 31 de Janeiro, 190 — PORTO

## N.º 29

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

## Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA»

Os portadores desta senha terão o desconto de 50 % nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinéas de Quinta-feira e Sabado, 13 e 15 de Out.  
OLYMPIA — Matinéas de Quinta-feira e Sabado, 13 e 15 de Out.  
BATALHA — Matinée de Quinta e Soirée de Sabado, 13 e 15 de Out.  
CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 15 de Outubro

IMPORTANTE. — As entradas com bonus no «Salão da Trindade» têm os seguintes limites: Platéia, 250; 2.º Balcão, 100; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.

# CASTELO LOPES, L.<sup>DA</sup>

a firma detentora dos melhores  
filmes europeus e americanos,

está preparando a sua lista  
de super-produções a distri-  
buir na temporada 1932/33,  
cujo exito ultrapassará o da  
época anterior.



**Nenhum exibidor português deve  
preencher as suas datas sem con-  
sultar a lista de**

**Castelo Lopes, L.<sup>da</sup>**